

Invisível em Portugal



DÉCADA INTERNACIONAL DE AFRODESCENDENTES

2015 > 2024

RECONHECIMENTO • JUSTIÇA • DESENVOLVIMENTO



“O papel que pode e deve ser desempenhado pelos afrodescendentes na sociedade portuguesa e europeia tem para mim uma importância fundamental pois sempre acreditei na ligação entre a Europa e África. É uma temática que deve ser reflectida, aprofundada estudada e deve ser considerada uma causa para o futuro”. Declarou Marcelo Rebelo de Sousa numa conferência organizada pela PADEMA (Plataforma de Apoio ao Desenvolvimento da Mulher Africana).
(Pág. 6)



Diamondog: “Considero-me um vencedor”

“Não é fácil ter crescido numa época de guerra civil; de escassez de alimentos e de água; de rugas; num dos bairros mais pobres e violentos de Luanda: o Cazenga e no Brasil ter sobrevivido à violência policial”. Afirmou o músico angolano Diamondog que há 11 anos se encontra radicado na Alemanha. Tem contacto com inúmeros músicos angolanos e diz “Sei o quanto difícil é entrar no mercado musical angolano, ainda mais quando não se vive no país. Se acontecer, será de forma espontânea e natural. Nada de forçação de barra! Lógico que gostaria que a música que faço que toca em rádios de Hip Hop no Brasil, Alemanha, Estados Unidos, Suécia e Quénia, um dia pudesse tocar em Angola. Se os frutos brotarem em Angola, terá sido consequência de eu ter corrido por gosto todos esses anos. Na Alemanha confesso que me sinto muito bem”.
(Pág. 2)



Tabernáculo traz Fela a Lisboa

No Wine Bar de Hernâni Monteiro Miguel em Santos podemos desfrutar de música ao vivo especialmente aos fins de semana, mas não só. O Tabernáculo acolhe outras manifestações culturais e serve pratos típicos dos países da lusofonia. A cultura de África é especialmente aclamada o que originou a primeira Felabration em Lisboa.
(Pág. 9)



Editorial

BUÉTNICO, UM JORNAL PARA TODOS

O jornal que o leitor tem em suas mãos, o BUÉTNICO, surgiu da necessidade de colmatar uma lacuna que existe no panorama da imprensa escrita em Portugal.

BUÉTNICO é um jornal destinado a divulgar as realidades das diversas comunidades migrantes em Portugal

De divulgação das culturas, dos saberes, dos êxitos, das dificuldades, das vivências, das relações intra-comunitárias, do lugar das diferentes ETNIAS na sociedade portuguesa, um jornal de todos

para todos, onde o leitor encontrará abordagens de temas sobre as políticas para as DIÁSPORAS em Portugal, na Europa e no Mundo.

Numa altura em que as Nações Unidas declararam 2015-2024 como a década internacional dos afrodescendentes, BUÉTNICO propõe-se dar especial atenção às temáticas dos africanos e afrodescendentes em Portugal. Quem são, o que fazem, onde vivem e como vivem.

Porque a migração, mesmo tendo origens diferentes tem sempre pontos de convergência, BUÉTNICO

não se limitará aos temas africanos e/ou afrodescendentes. Vai escalarpelizar TUDO relacionado com a migração.

No Século XXI, na era da comunicação e das redes sociais, os média são forçados a uma reinvenção permanente para ir ao encontro das necessidades do público. Por isso, o BUÉTNICO estará onde o seu público alvo estiver presente, numa sala de conferências, num laboratório científico, numa manifestação, num palácio, numa discoteca ou num campo de futebol.

Asseguramos o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa fé dos leitores.

Pretendemos reportar não apenas a agenda cultural das comunidades migrantes em Portugal mas também a vivência nas suas zonas de residência, e que de leitor para leitor, se produzam testemunhos que farão do jornal um órgão cunitário por excelência.

Conte connosco, porque contamos consigo. Estamos Juntos. ●

LM

De casa para o mundo

Diamondog “A Alemanha é um país exemplar”

A par da música, Diamondog trabalha como especialista informático e no início deste ano foi promovido a responsável de dois grandes escritórios de uma empresa americana de informática com filiais na Inglaterra e Berlim a terra que o adotou.



BE - Há quanto tempo saíste de Angola?

Diamondog - Faz 17 anos.

BE - Há quanto tempo começaste a fazer música?

Diamondog - Comecei no final da década de 90. Estudava jornalismo no (IMEL)

em Luanda, tinha amigos colegas com quem, trocava cassetes de rap brasileiro, português e dos EUA. Havia um programa que se chamava FM Expresso na Rádio FM Stereo, tocava Hip Hop, eu acompanhava e comecei a querer passar de ouvirte a integrante da cultura Hip Hop. Em 1997 aprendi a fazer beatbox (batidas com

a boca), pois via o Camilo Travassos, também do IMEL que mais tarde se tornou empresário do Anselmo Ralph. Percorria os corredores do Instituto a fazer batidas incríveis com a boca. Deu-me umas dicas que me ajudaram a criar um estilo próprio de beatbox, como ele me aconselhava.

Em 1998, comecei a compor. No IMEL, mostrava aos amigos e colegas, o Dorivaldo Van-dunen, o Lutuima, o Adilson, hoje jornalista da TPA, que inclusive, foi quem me arranjou este apelido Diamondog, e o conhecido Dj GMC, esteve num dos mais famosos programas de Rap da Rádio Luanda. Como gostavam muito das minhas rimas, ganhei entusiasmo e com outros dois amigos que também acabaram por sair do país, formamos o nosso primeiro grupo de rap. Coube a mim compor o nosso primeiro rap: “Se você quer ser feliz”. A música foi gravada em moldes rudimentares, os únicos da época. Antes de gravar tinha de se ter a letra na cabeça, o flow (ritmo) e o refrão. A captação era directa, do micro para a fita cassete. Nada de computadores. O MC, ou cantor não se podia dar ao luxo de errar, o dono do estúdio, dizia que re-

gravar diminuía a qualidade final. A gravação era feita de uma só vez. Não existia o tal do Jaba (pagar para que toquem uma música na rádio). Quem tinha uma música nova, deixava a cassete na portaria da Rádio, o apresentador e o editor seleccionavam o que tocaria. Deixamos uma cassete na Rádio FM Stereo, com a música "Se você quer ser feliz". Lembro-me como se fosse hoje da emoção tamanha ao escutar a música no Rádio, no programa FM Expresso, que ouvíamos todos os sábados a tarde, não havia energia eléctrica, tínhamos um rádio a pilhas ao qual estávamos de ouvido colado, na expectativa. De repente, anunciamos os nossos nomes e música seleccionada entre tantas que recebiam. Quase me saía o coração pela boca de alegria, íamos impelindo as pessoas para nos ouvirem. Um dia inesquecível! Após a gravação, passamos a cantar em festividades escolares, encontros de rap etc, foram os primeiros passos.



Certificado de reconhecimento recebido nos Estados Unidos da América, dado pelo governador da cidade de Detroit.

BE - A que género musical te dedicas mais?

Diamondog - Ao Rap, apesar de ser convidado a participar de álbuns de outros estilos musicais, como Blues, Breakbeat, Drums and Bass, Electro etc. Sou DJ desde 2001, comecei numa discoteca africana no Brasil, depois virei-me para o aprendizado de turntablism

BE - Planos para este ano?

Diamondog - No início dos últimos anos, sabia sempre para onde viajaria, que participações faria em CDs. Este ano decidi focar-me no turntablism, que é uma categoria bastante técnica dos DJs de Hip Hop, que exige, habilidades em fazer scratches, beat juggles, fazer blending, e outras habilidades téc-



No terraço do prédio mais alto, da maior e mais perigosa favela de Nairobi (Dandora). Um local longe da bela Nairobi onde os turistas vão fazer safari. Passei a tarde em Dandora juntamente com a caravana Spoken Word Poetry, visitando o projeto social (Hip Hop). Tive a oportunidade de lhes contar a minha trajetória. A pobreza é extrema neste lugar, até aos olhos de quem vem do gueto, mas o melhor de tudo, é que alguns jovens ainda não perderam a esperança de que dias melhores virão e continuam a lutar. Diamondog no FB.

nicas que se esperam de um DJ de turntablism.

BE - Vives só da música ou tens outras ocupações?

Diamondog - Trabalho como especialista em informática para uma empresa americana com Filiais na Inglaterra, Índia e Alemanha eu e um colega alemão, somos responsáveis pelos dois enormes escritórios de Berlim. Mas decidi trabalhar menos horas, para me dedicar à família e à música.

BE - Há alguma intenção de te afirmares e trabalhar também em Angola?

Diamondog - Sei o quanto difícil é entrar no mercado musical angolano, ainda mais quando não se vive no país. Se essa afirmação acontecer, será espontânea e natural. Nada de forçar a barra! Lógico que gostaria que a música que faço e que toca em rádios de Hip Hop no Brasil, Alemanha, Estados Unidos, Suécia e Quénia, um dia pudesse tocar em Angola. Enquanto isso, faço a minha música com amor e paixão, se os frutos brotarem um dia em Angola, terá sido consequência de eu ter corrido por gosto todos esses anos.

BE - Houve tempos economicamente bons para Angolanos não pensaste regressar?

Diamondog - Juro que pensei! Mas em 2007 a esposa estava a finalizar os estudos para se tornar cientista política, no ano a seguir em 2008 eu consegui ser aceite para fazer um Mestrado em Antro-

pologia e Media numa Universidade alemã, terminei dois anos depois. Entretanto nasceu a primeira filha, a minha esposa já estava a trabalhar como cientista política para um ministro alemão que se tornou o vice primeiro ministro da Alemanha. Eu havia conseguido um estágio na Deutsche Welle, depois um trabalho na Microsoft, mudei-me para a Siemens, depois para o Deutsch Bank. Ficamos empatados por cá.

BE - Regressar um dia à terra natal, é/ou foi algum dia um sonho?

Quantos anos ficaste sem ir a Angola?

Que percepção tens do crescimento do país?

Diamondog - Ainda sonho regressar. Fiquei 10 anos sem lá ir, mas acompanhava atentamente o que se passava lá. A primeira vez que fui, foi uma correria, tinha 30 dias para apresentar a minha esposa a família, fazer visitas, e aventurei-me a gravar um documentário sobre o colonialismo e outro com o kota Jose Kafala. Infelizmente o

crescimento não se reflecte muito na melhoria de vida dos cidadãos. Notei as três vezes que fui que existem uns poucos endinheirados e uma vasta população de empobrecidos, digo-o porque a situação de miséria é imposta por um sistema corrupto que corroí quase todo o tecido social do país. O que mais me dói é a falta de uma política pública de saúde, educação deficitária, falta de saneamento básico e a depreciação dos quadros nacionais em favorecimento dos estrangeiros. Acredito em Deus apesar de não professar nenhuma religião. Confesso que douro os joelhos antes de dormir e peço a Deus por dias melhores para Angola, faço-o há anos e continuarei a fazê-lo.

BE - Tens contacto com músicos, angolanos e que outros?

Diamondog - Interajo com alguns músicos angolanos como Jack Nkanga, um grande amigo, inclusive dividimos o palco por 2 vezes cá em Berlim e em Luanda, o Kota Jose Kafala, com quem estou em dívida, porque o convidei para gravar um documentário autobiográfico, que já filmei mas até ao momento, não pude editar, o Jay Lourenzo, um dos convidados a interpretar o saudoso Teta Lando no show do mês, o Kool Klever, o Vui Vui o rapper CMC, Donna Kelly e Phather Mak, o Lukeny Bamba, Keyta Mayanda, Boni Diferencial, Kennedy Ribeiro, Mauro Feijo, Francis Aka MC Cabinda, CFK, Luaty, Carbono Casimiro, Shak Shura, Prince Wadada, Kota Angelo Boss, Betinho Feijo, a Aline Fraza, o Totó e o Toty Samedy, não nos conhecemos pessoalmente mas trocamos impressões. Além dos nomes citados, há outros ►



Num concerto com ingressos esgotados em Berlim.

► manos e manas com quem tenho contacto.

Tenho actuado com músicos e rappers mediáticos, como Afrika Bambaataa, um dos homens que criou e cunhou o nome Hip Hop e que gravou um álbum duo com James Brown. Em 2004, quando eu deixava o palco do Festival de Artes Negras (FAN) no Brasil, após cantar para uma incrível plateia de 10 mil pessoas, Bambaataa chamou-me ao seu camarim. Fiquei atónito ao ver o homem que criou o termo Hip Hop, com a sua indumentária da Zulu Nation. Disse: "Acabo de assistir a tua performance e gostei muito. Vou fechar a noite, convidando-te para seres o meu host. Tu e outro músico Mc da Zulu Nation estarão na frente comandando a plateia enquanto eu toco como Dj, aceitas?". Lógico que aceitei.



Em 2008, voltamos a vermo-nos em Berlim, ele veio cá para um show, ao descer de um táxi reconheceu-me e lembrou-se que havíamos dividido o palco no Festival de Artes Negras e convidou-me novamente para ser o host mais dois outros da Zulu Nation.

Com o rapper brasileiro Marcelo D2, que conheço há mais de 15 anos, dividi vários palcos e cantamos num Festival chamado Pop Rock Brasil para 25 mil pessoas, num estádio de futebol, onde se apresentam grandes nomes da música brasileira. Outros palcos, conexões e contactos foram com Marku Ribas, Criolo, Emicida, Makkas meu mano dos Black Company, Thaide, Chico Cesar, Olodum, Dead Prez, Jeru de Damaja, KRS-ONE, Necro, Das EFX, Tropkillaz, Azagaia, Dj Primo, Dj Los da Royce 5'9, Dj Werd, Dj Marfox, Que-



en Ifrika (Jamaica), Sister Fa (rainha do Hip Hop senegales), Yarah Bravo, Chefket, Amewu, Odara Sol, Ganjaman, Tianastacia, Wilson Sideral, Berimbrown, Sombra, Rapadura, Inquerito, Daniel Arruda, Daniel el Congo trompetista da Lauryn Hill e do Aloe Blacc que depois passou a ser meu trompetista e amigo, Gato Preto e outros não menos importantes.

BE - O intercâmbio entre músicos é importante?

Porquê?

Diamondog - É muito importante devido as experiências que se captam. Aprendi muito ao dividir o palco, gravações e noites boêmias ao lado de músicos e fazedores de arte. Participei de vários intercâmbios musicais e multiculturais para outros países. Em 2013 no Quénia a convite do instituto alemão Goethe Institute, para gravar um álbum de poesia e rap, com poetas e rappers alemães e quenianos, o resultado foi fantástico. Em 2016 a convite da Universidade de Michigan e da Prefeitura de Detroit fui aos Estados Unidos a fim de gravar outro CD nos mesmos moldes, e ministrar aulas na Universidade de Michigan. Aprendi e transmiti a minha experiência a músicos, produtores, poetas, rappers, alunos e professores da Universidade de Michigan.

BE - O que representa para ti ser imigrante, um fardo pesado ou nem por isso?

Diamondog - Vivo há 11 anos na Alemanha e confesso que me sinto muito bem. A Alemanha puxa por cidadãos que ambicionam crescer, apesar do welfare state (se não tens casa, o Estado paga uma e dá-te

uma renda mensal). Ao aceitares ficas "marcado" e podes vir a sofrer represálias do Serviço de Imigração ao renovar o visto. Mas, um estrangeiro com curso superior, sem passagens pela polícia que não viva da ajuda social, fale o idioma, pague os impostos, que são pesados, e tenha um contrato durável de trabalho, pode receber um visto permanente e a seguir a dupla nacionalidade em tempo record, como, modéstia a parte, foi o meu caso. É um país exemplar e gosto muito daqui.

BE - Consideraste uma pessoa feliz e realizada?

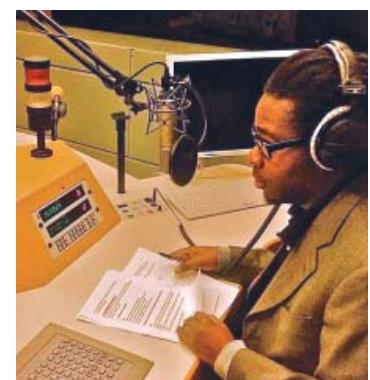
Diamondog - Quando penso no caminho que percorri, considero-me um vencedor, graças a Deus.

Não é fácil ter crescido numa época de guerra civil; de escassez de alimentos e de água; de rusgas; ter crescido num dos bairros mais pobres e violentos de Luanda o Cazenga. No Brasil cheguei a trabalhar um ano como lavador de carros. No final do mês o patrão chamou a polícia e disse que não me ia pagar. Foi difícil sobreviver à violência policial.

Mesmo com um diploma da 3ª melhor universidade brasileira não me davam trabalho. Nos primeiros anos da Universidade, cheguei a alimentar-me só de bananas e água mas tive a ajuda de angolanos que me acolheram sem me conhecer. Ter sobrevivido a tudo isso e muito mais e não ter perdido a cabeça é um orgulho assim como ter entrado para a 3ª melhor universidade do Brasil e sair com 96 valores em Comunicação Social e Política. Sou uma pessoa positiva, apesar de tudo, encontrei uma esposa incrível que é a minha melhor amiga; tenho

filhos saudáveis e inteligentes, conheci nove países graças à cultura Hip Hop. Paguei do meu bolso um Mestrado numa das melhores universidades da Alemanha, e uma das melhores universidades do mundo, a de Michigan, deu-me um diploma de mérito; uma das minhas músicas ganhou o prémio de melhor Trilha Sonora do Festival de Gramado. Fui convidado a participar do filme Cidade de Deus, e num documentário que foi premiado no Festival de Direitos Humanos de São Paulo. Pela BBC fui convidado a enviar uma música para integrar o mapa Mundial da Cultura Hip Hop no Mundo; e o icônico portal de cultura Okay Africa e o site This Is Africa, consideraram-me um dos rappers mais rápidos, figurando ao lado de Twista e outros americanos famosos neste estilo. Participei em mais de 20 álbuns ao redor do mundo, Rap, Blues, R&B, Break Beat, Electro e Dancehall. Posso dizer que sou privilegiado e grato a Deus por não me ter abandonado nos momentos mais difíceis e à família, desde tenra idade, me ensinaram que os livros são a chave para um futuro melhor. ●

SM



Sabores e estórias de emigrantes

Estórias e memórias pessoais estão por detrás das receitas de um livro que expõe a culinária de seis continentes, nomeadamente África, América Latina, Ásia Oriental, Europa, Ásia, Médio Oriente e arredores.

É ditada e publicada recentemente pela BBC de Londres, a obra: "From the World Service Kitchen", nasce do convívio entre os integrantes do departamento de línguas da BBC, o World Service Languages, famoso pela sua diversidade.

É um livro de receitas e também um livro de memórias ou estórias, uma vez que os seus autores as apresentam juntamente com uma lembrança ou ocorrência associada ao prato.



A ideia nasceu quando a BBC transferiu a sua sede para o coração de Londres e durante os chamados "meet the neighbours", cada grupo que chegava aos novos escritórios era recebido pelo grupo anterior.

Promoviam-se encontros em que eram servidas comidas dos diferentes países do World Service Languages. Produtores editores e apresentadores de Londres e de outros escritórios da BBC espalhados pelo mundo puderam juntar-se neste livro provando que o movimento de pessoas e culturas se faz também através da culinária.

A comida leva-nos de volta a casa" Escrevem Lara Owen e Anna Horsbrugh-Porter editoras da obra, que enaltecem a determinação na sua concretização da angolana Paula Moio, ex-assistente da BBC, de

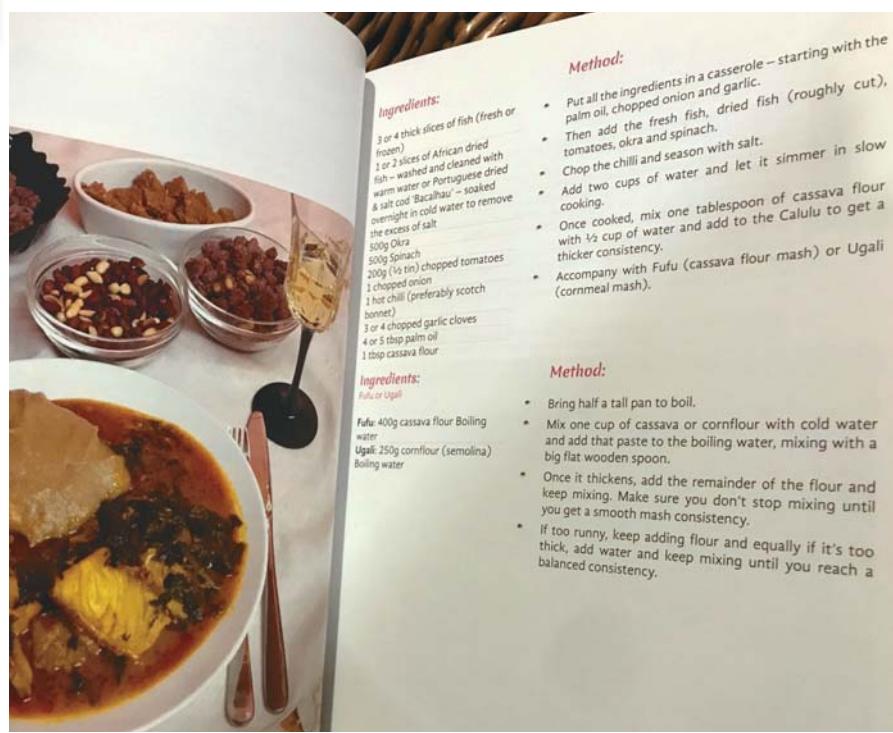


2000 a 2015, o trabalho brilhante de Sara Lee, o gênio de Mohammed Abdul Qader e o apoio do "cookbook group" composto por Rose Kudabaeva, Elena Varela, Li Yang and Sara Gibson, bem como o design de Katayoon Forouhesh.

"Foi divertido editar o livro e experimentar algumas das receitas, agradecemos a paciência e vontade de todos em substituir mais do que uma vez as fotos dos seus pratos e sobretudo por partilharem connosco a paixão e o compromisso de cozinhar", refere a nota das editoras. ●



Paula Moio, assistente da BBC de 2000 a 2015, foi uma das pessoas que se empenhou para que o livro da BBC fosse uma realidade.



Afrodescendentes

A década invisível em Portugal

”O LUGAR DAS MULHERES NA DÉCADA INTERNACIONAL PARA OS AFRODESCENDENTES” foi o tema de uma conferência que a PADEMA – Plataforma para o Desenvolvimento da Mulher Africana – realizou no Grémio Literário, em Lisboa, no início do mês de Março, para debater a referida Década e também para saudar o Março, mês da Mulher.

A conferência, que teve como oradoras Romualda Fernandes, jurista, deputada municipal de Lisboa e vogal da direção do Alto Comissariado para as Migrações (ACM) e Joacine Moreira, investigadora e doutoranda do ISCTE e diretora do Departamento da PADEMA para a Promoção e Desenvolvimento da Mulher, vai, refletiu sobre a invisibilidade da Década Internacional para os Afrodescendentes (2015-2024) em Portugal.

O Presidente Marcelo Rebelo de Sousa que foi um dos convidados ao evento, não pode estar presente porém enviou uma mensagem clara em relação à causa dos afrodescendentes e à luta das mulheres em particular manifestando o seu apoio à igualdade de género e racial.

“Relativamente às vossas preocupações quanto ao papel que pode e deve ser desempenhado no presente e no futuro pelos afrodescendentes para mim tem uma importância fundamental na sociedade portuguesa e na sociedade europeia pois sempre acreditei na ligação entre a Europa e África. É uma temática que deve ser reflectida, aprofundada estudada e deve ser considerada uma causa para o futuro, dis-



se o Presidente português acrescentando “quanto ao papel da mulher é e será cada vez mais essencial na transformação à escala universal, em termos políticos, sociais, económicos e culturais e por isso estou solidário com as preocupações debatidas nesta conferência tão significativa e que pode e deve ser tão mobilizadora. Desejo boa sorte para os vossos propósitos e determinação na sua concretização no futuro”. A invisibilidade da década dos afrodescen-

dentes em Portugal é notória não só pela ausência de programas por parte do Estado para a aplicação das medidas preconizadas pela ONU, mas também pelo total apagamento por parte da comunicação social portuguesa generalista e, inclusive, a dita especializada em questões africanas, como RDP ou RTP África. Invisibilidade que foi o acento tónico das intervenções de Mamadou Ba do SOS Racismo de Portugal e de Luzia Moniz, presidente da PADEMA no encontro regional (Europa, América do Norte e Ásia Central) sobre a Década, realizado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, no final de Novembro último, em Genebra.

Para a representante da PADEMA, o racismo estrutural, institucional em Portugal é duplamente penalizador para as mulheres afrodescendentes que são discriminadas a dobrar. Ao denunciar a inexistência de mulheres afrodescendentes deputadas no Parlamento ou como presidentes de Câmaras municipais, alertou que esta situação tem como base a discriminação estrutural nos partidos políticos (o centro da vida política na sociedade portuguesa) onde não há mulheres afrodescendentes em lugares de visibilidade. O mesmo se

Aprenda & Participe
Década Internacional de
Afrodescendentes

passa com as organizações de mulheres desses partidos.

A Assembleia geral da ONU aprovou, em 2014, a instituição da Década Internacional para os afrodescendentes, sob o lema “Reconhecimento, Justiça e Desenvolvimento” com o objetivo de fomentar o respeito, a proteção e o exercício de todos os direitos humanos e as liberdades fundamentais dos afrodescendentes, tal como se reconhece na Declaração Universal do Direitos Humanos, centrada em:

1. Reforçar a adoção de medidas e cooperação a nível nacional, regional e internacional para permitir que os afrodescendentes gozem da plenitude dos seus direitos económicos, sociais, culturais, civis e políticos e participem plenamente e em condições de igualdade em todos as esferas da sociedade
2. Promover maior conhecimento e respeito da diversidade da herança e da cultura dos afrodescendentes e da sua contribuição para o desenvolvimento das sociedades
3. Aprovar e fortalecer marcos jurídicos nacionais, regionais e internacionais de acordo com a Declaração de Durban e a Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as formas de discriminação racial e assegurar a sua plena e efetiva aplicação.

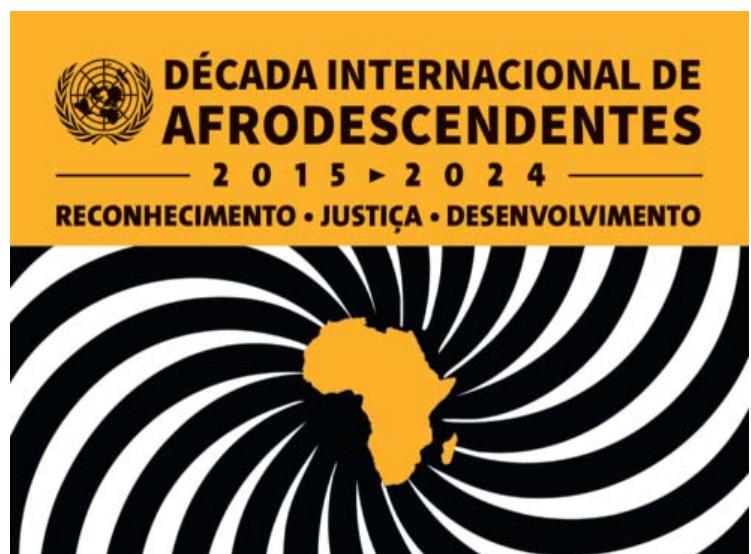
Implementação do Programa de Atividades da ONU

De acordo com a ONU, a implementação do Programa de Atividades da Década Internacional para os Afrodescendentes, que foi aprovado pela Assembleia Geral, deve ser feita a vários níveis.

A **nível nacional**, os Estados devem tomar medidas concretas e práticas por meio da adoção e efectiva implementação, nacional e internacional, de quadros jurídicos, políticas e programas de combate ao racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata enfrentados pelos afrodescendentes, tendo em conta a situação particular das mulheres, raparigas e jovens do sexo masculino nas seguintes atividades:

- Reconhecimento
- Justiça
- Desenvolvimento
- Discriminação múltipla ou agravada

A **nível regional e internacional**, a comunidade internacional e as organizações regionais e internacionais são chamadas para, entre outras coisas, sensibilizar e disseminar a Declaração e Programa de Ação de Durban e a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, ajudar os Estados na implementação plena e efetiva



de seus compromissos no âmbito da Declaração e Programa de Ação de Durban, recolher dados estatísticos, incorporar os direitos humanos nos programas de desenvolvimento e honrar e preservar a memória histórica de pessoas afrodescendentes.

Há também uma série de passos e medidas a serem tomadas pela Assembleia geral da ONU, incluindo a nomeação do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) para atuar como coordenador da Década, a criação de um fórum para servir como um mecanismo de consulta, a convocação de uma avaliação final da década, bem como garantir a conclusão da construção e da inauguração, anexas da revisão intercalar em 2020,

de um memorial permanente na sede da ONU em homenagem à memória das vítimas da escravatura e do tráfico transatlântico de escravos.

A propósito da recolha de dados estatísticos, um grupo de organizações e de personalidades afrodescendentes em Portugal, integrando entre outros, s associações a Afrolis e We Love Carapinha, a investigadora Joacine Moreira, o actor Daniel Martinho e o ativista Mamoud Ba, considera que a recolha de dados étnico-raciais, anunciada pelo então ministro adjunto Eduardo Cabrita “poderá ser um passo sem precedentes no combate ao racismo e às desigualdades étnico-raciais na sociedade portuguesa”

No entanto lamenta que a decisão unilateral do governo em avançar com a proposta para os Censos 2021 tenha sido feita “sem concertação prévia com as comunidades racializadas”. Por outro manifesta-se também contra “a composição do Grupo de Trabalho Censos 2021 – Questões Étnico-Raciais, sob a coordenação do Alto-Comissariado para as Migrações (ACM) e Secretaria de Estado para a Cidadania e Igualdade. Na composição do referido grupo de trabalho, denuncia, “não foram incluídos coletivos afrodescendentes ou ciganos. Esta forma de fazer política é sintomática de um entendimento da democracia que coloca as comunidades racializadas na posição de beneficiárias e não de agentes de mudança”. ●



FESTin-2018

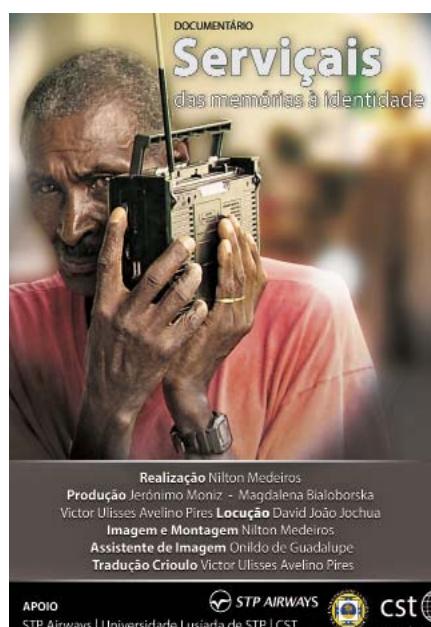
A língua em movimento

O Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa (FESTin), voltou ao cinema São Jorge, de Lisboa, na sua 9º edição. Como sempre a produção cultural lusófona é o eixo central da programação.

Este ano nove longas-metragens de ficção, nove documentários e 16 curtas estiveram em competição. Sessões dedicadas ao cinema brasileiro e uma, novíssima, que estende a programação aos países de línguas derivadas do Latim, completam a programação filmica. Ao todo, sete obras tiveram ante estreia mundial ou internacional nos festivais de Sundance, Roterdão e, principalmente, Berlim.

Uma das grandes novidades do FESTin este ano é a parceria com a 4ª edição do “Guiones – Festival de Roteiros de Língua Portuguesa”, que decorreu no âmbito do festival entre os dias 2, 3 e 4 de março. O evento promove um encontro entre guionistas/roteiristas da indústria cinematográfica de Língua Portuguesa e serve como plataforma de escrita e promoções de pitchings, sessões de filmes, debates com representantes da indústria, workshops, masterclasses e premiação de autores vencedores.

A participação portuguesa na competição de longas de ficção inclui quatro projetos. O produtor Fernando Vendrell foi buscar à obra de Vergílio Ferreira a inspiração para o seu novo trabalho como realizador, “Aparição”, que reúne Jaime Freitas e Victoria Guerra no elenco para a narrar a história de um romance numa asfixiante Évora dos anos 50. “Vazante” é uma coprodução com a Ukbarr estreada no Festival de Berlim e mergulha com o brilho da fotografia e da direção de arte nos meandros da escravatura no Brasil – com um forte tom social impresso pela cineasta Daniela Thomas, colaboradora habitual de Walter Salles. Já



“Praça Paris”, cofinanciado pela Fado Filmes e com apoio do ICA, desloca-se para o universo contemporâneo e apresenta Joana de Verona a viver uma psicóloga imersa na realidade das favelas do Rio de Janeiro, com realização de Lúcia Murat. “Uma Vida Sublime”, do cineasta independente Luís Diogo, propõe um romance.

Fazendo eco da sua vocação primária de único representante da produção cinematográfica de países com ligações a Portugal, o FESTin apresenta, na competição de documentários e na secção especial Sotaques da Lusofonia, obras de Angola, Cabo Verde, Moçambique, Timor-Leste, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial.



À conversa com o produtor Jerónimo Moniz

O documentário do realizador Nilton Medeiros contou com o trabalho do jornalista e produtor de televisão Jerónimo Moniz, seu companheiro de filmagens de longa data, com Magda Bieloborska como investigadora e Victor Ulisses como produtor.

“Os Serviços das memórias à identidade”, aborda a problemática do tráfico de escravos, no qual S. Tomé e Príncipe esteve envolvido logo depois do achamento.

Nilton Medeiros realizou vários trabalhos com destaque para os documentários: Príncipe, património mundial da Biosfera da Unesco, São Tomé e Príncipe – o destino de sonho, “O Novo amanhecer”, São Tomé e Príncipe – do passado ao presente... que futuro? E no âmbito desse projeto realizou também o documentário: “Nem meu nem teu, é nosso”, que em 2016 ganhou o prémio nacional de jornalismo de S. Tomé e Príncipe e “Serviços das memórias à identidade”. Ao seu lado, há 15 anos está Jerónimo Moniz, que em 1994 integrou a equipa de jornalistas reunida para a fundação da RDP- África em Lisboa.

Jerónimo Moniz explica que o documentário exibido no FESTin é essencialmente composto por testemunhos dos descendentes de Cabo Verde, Angola e Moçambique, que foram como escravos para as roças de café e Cacau de S. Tomé e que lá permanecem até aos dias de hoje.

Desde há 7 anos, Nilton e Jerónimo fazem um programa de televisão que retrata S. Tomé e a sua diáspora exibido na TVS (Televisão Nacional de S. Tomé) O produtor e jornalista conta que é nos períodos em que têm férias nos respectivos locais de trabalho que ambos realizam os documentários que são normalmente exibidos pela TVS e nas redes sociais. Eles financiam estes trabalhos do próprio bolso, tendo apenas o apoio da STP Airways, da Universidade Lusófona de S. Tomé e da STP Companhia santomense de telecomunicações. ●



Felabration em Lisboa

Celebrar Fela Kuti talvez se torne também habitual em Lisboa desde o seu último aniversário comemorado a 15 de Outubro em quase todo mundo.

Fela é lembrado e reverenciado com comemorações conhecidas como Felabration.

Músico e activista político mundialmente aclamado, Fela é alguém sobre quem, Carlos Moore, seu amigo e biografo afirmou: "Foi um pensador que teve um engajamento profundo com a África e os afrodescendentes do mundo".

Kuti lançou mais de 70 discos, lutou contra o governo nigeriano, teve 27 esposas (ao mesmo tempo), fundou uma república e criou o seu gênero musical.

A ideia de festejar Fela em Lisboa parte de dois fãs. Sachondel Joffre médico e músico e Hernâni Monteiro dono do Tabernáculo de Santos.

Tabernáculo

By Hernâni Miguel

Residente em Lisboa há 53 anos, Hernâni gera há 3 anos o seu Tabernáculo de Santos que considera um wine bar.

Promove uma série de animações culturais, exposições e espectáculos de música. Jazz e outros estilos musicais que são executados aos fins de semana depois das 17.30.

Também é possível degustar comidas dos países africanos de língua portuguesa, como Angola, Cabo-Verde, Guiné, Moçambique e São Tomé, para fazer tais pratos o dono do bar convida pessoas originárias desses países.

About Mr. Fela

Músico e destacado ativista político, Fela Kuti é uma das figuras mais multifacetadas e proeminentes de África. Reconhecido e respeitado em todo o mundo, precursor do afrobeat (fusão de jazz, funk, highlife e cantos tradicionais africanos), rompeu fronteiras com a sua música mas foi também um político engajado.

Jornalista e escritor amigo de Fela Carlos Moore escreveu a seu pedido a biografia, "This bitch of life", publicada originalmente em 1982, Moore afirma: "Fela pediu que lhe escrevesse a biografia quando pensava viver

seus últimos dias. Passadas três décadas, há uma popularidade e interesse enorme sobre ele, por isso faz sentido revisita-lo".

O livro de Moore serviu de base para a realização de um musical denominado "Fela", produzido pelos astros Jay Z e Will Smith, que venceu três prêmios Tony e é sucesso na Broadway e em Londres.

Moore considera que hoje, o músico, ativista e político está misturado em meio a tantas visões, com a obra sendo lida e vista em países como China e Japão, que é preciso denunciar a comercialização de uma imagem falsa de Fela Kuti, que está ser usada por motivos comerciais.

Para Moore, que conheceu ativistas negros como o senegalês Alioune Diop e o filósofo Aimé Césaire, e que como militante, esteve ao lado de Malcolm X, Cheikh Anta Diop, Stokely Carmichael, Lelia Gonzalez,

Walterio Carbonell, Abdias Nascimento, Harold Cruse, Alex Haley, há que resgatar o Fela gênio, inovador na música, no plano social e expor as suas contradições. "Um Fela complexo, com contradições que não chegou a vencer, não interessa. O Fela light pode ser manipulado por empresas que estão a fazer filmes, comics, musicais", lamenta Moore.

Fela Kuti nasceu na cidade de Abeokuta, numa família de classe média alta. A mãe Funmilayo Ransome-Kuti foi uma feminista dinâmica no movimento anticolonial, o pai, Reverendo Israel Oludotun Ransome-Kuti, o primeiro presidente da União Nigeriana de Professores.

Em 1958, para estudar medicina, Fela foi para Londres, mas lá acabou por estudar música no Trinity College of Music. Em 1963 voltou para a Nigéria e trabalhou como produtor de rádio. Em 1969, no meio da

Guerra Civil da Nigéria, levou a sua banda para os Estados Unidos, passando a chamá-la Fela-Ransome Kuti and Nigeria 70. Aí descobriu o movimento Black Power e passou a compreender melhor a luta da mãe bem como a importância do pan-africanismo de Kwame Nkrumah.

Music is weapon

A influência do ativismo político e social, levou para as suas músicas, que tocava com saxofone, teclado, trompete, guitarra e bateria. Era hábil com os instrumentos e conhecido pela performance em palco.

Fela, dizia que 'A música é uma arma', expressão que usou para título de um álbum. Os seus concertos foram apelidados de bárbaros e selvagens. Ele referia a sua atuação de palco como um jogo espiritual.

Uma nova interpretação para a música africana que influenciou a música mundial é um dos méritos de Kuti, que dizia que os africanos se deveriam unir e fazer por eles mesmos, ao invés de perder tempo copiando valores culturais e sociais que permanentemente os rotulam diante do mundo como escravos. Conhecido pela sua desobediência às regras sociais, quebrava tabus religiosos, sexuais e reivindicava o poder das religiões tradicionais.

Na biografia de Fela, Moore expõe no capítulo "As minhas Rainhas", entrevistas com as 27 esposas de Fela, mulheres com quem o músico se casou num ato único a 20 de Fevereiro de 1978. Eram mulheres que o acompanhavam há anos como integrantes da banda Africa 70.

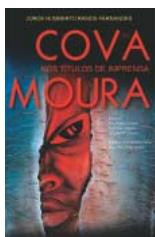
A 3 de Agosto de 1997, Olikoye Ransome-Kuti, ativista de combate ao HIV e ex-ministro da Saúde, anunciou a morte do seu irmão mais novo Fela Kuti. Mais de um milhão de pessoas compareceram ao funeral do músico que deixou a sua marca influenciando gerações até hoje. ●



“São pessoas e não territórios”

O livro ‘Bairro Cova da Moura nos títulos de imprensa’ que tem como base a tese de Mestrado em Comunicação Organizacional de Jorge Humberto, ex-morador e Presidente da Comissão de Moradores da Cova da Moura continua a ser lançado e promovido em diversos locais e localidades de Portugal.

“São pessoas e não territórios”, a afirmação pertence ao autor do livro que pretende demonstrar o estigma que é alimentado pela comunicação social portuguesa em relação ao Bairro e aos habitantes da Cova da Moura.



Jorge acredita que o debate e análise em torno deste assunto é necessária, porque muito boa gente vive na Cova da Moura. Também de acordo com Ana Bela Miranda, um estigma às vezes serve para nos fazer vencer porque “sabemos o que é a pressão de ter que provar o contrário do que se apregoa”.

A dignidade e honra dos moradores deste bairro social é posta em causa permanentemente mas muito boa gente sai de lá e vive lá, isso dificilmente é mencionado e parece não interessar absolutamente nada a uma certa imprensa movida pelo sensacionalismo passageiro, inflamado e bairrista.

O que representa viver na Cova da Moura e conviver com o estigma de que são alvo os seus moradores, é a mensagem acerca da qual se propõe refletir à propósito do livro de Jorge Humberto que resulta da análise do conteúdo informativo sobre o bairro nos títulos de imprensa em Portugal, uma tentativa de compreender de que forma são retratados na imprensa o território e as suas questões. ●



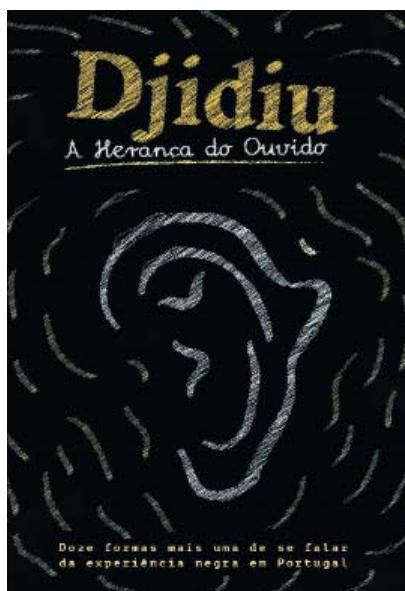
Jorge Humberto com o Professor Gustavo Évora e a Dra. Anabela Miranda no lançamento do livro no Almada Fórum.

“Djidiu - A Herança do Ouvido”

Vários afro-descendentes se reuniram em Lisboa durante um ano, para declamar poesia e partilhar as suas experiências como negros em Portugal. A Associação Afrolis editou em Livro alguns desses momentos e apresentou a obra ao público pela primeira vez no Museu de Aljube em Lisboa.



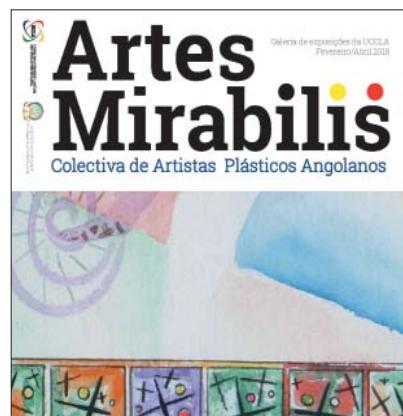
Djidiu – “A herança do ouvido”, apresenta diversas formas de se falar da experiência dos negros em Portugal, reúne textos de diferentes autores que partilham e discutem a sua condição subalternizada no Portugal contemporâneo, o racismo nas instituições e no quotidiano, a necessidade de resistir e de descolonizar as mentes.



Segundo Luz Gomes é um espaço de partilha, de conversa, mas também de discussão política para a questão do racismo na sociedade portuguesa. Jovens das mais variadas áreas da cultura estiveram no ato de lançamento no museu. ●

Exposição na UCCLA

“Artes Mirabilis” - é o título de uma exposição Coletiva de Artistas Plásticos Angolanos, que esteve patente na UCCLA até 4 de Abril. É a primeira que a UCCLA promove em 2018 para homenagear a cultura angolana.



No início da abertura de um novo ciclo político, económico e social para a sociedade angolana, a mostra, que tem como curador o artista plástico angolano Lino Damião reúne mais de 55 artistas plásticos angolanos e 20 esculturas de grande valor etnográfico. A exposição tem o apoio de algumas instituições, entre elas a Fundação Berardo, e tem como objetivo divulgar a cultura de Angola, do passado ao presente, assinala duas datas fundamentais: 4 de Fevereiro (dia do início da Luta Armada pela Independência) e o 4 de Abril (Dia da Paz).



Estiveram presentes na abertura o Presidente da República de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, a Ministra da Cultura de Angola, Carolina Cerqueira, o Ministro da Cultura de Portugal, Luís Filipe de Castro Mendes, o presidente da Câmara Municipal de Cascais, Carlos Carreiras, o presidente da Comissão de Cultura da Assembleia da República e Edite Estrela, vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa assim como, Catarina Vaz Pinto, e Secretário-Geral da UCCLA, Vitor Ramalho. Varias mulheres e homens ligados à cultura e a Angola, historiadores, escritores e artistas vários estiveram na abertura desta exposição que está aberta gratuitamente ao público até dia 4 de abril, de 2.ª a 6.ª feira das 10 às 13 horas e das 14 às 18 horas. ●



BEING HER(E) ou Ser mulher aqui...



14 Mulheres artistas do continente africano e da diáspora, sob a curadoria de Paula Nascimento (Angola) e Violet Nantume (Uganda), criam com BeingHer(e), um espaço de reflexão sobre o acto de criação de mitos em relação ao corpo feminino, incorporando e interpretando a “mulher” e a interioridade feminina. Abordando temas como o género, a subjetividade, memória, pertença, sexualidade e identidade.

“Desenhamos uma exposição para ela que depois de Luanda, penso que acontecerá em outra cidade, e agregará outros intervenientes”, diz Paula Nascimento que é co-curadora de Being Her(e) com Violet Nantume dando continuidade a um diálogo iniciado, em Pretória, África do Sul, em 2015 com *Being and Becoming: Complexities of the African Identity*, uma exposição que procurou levantar questões sobre as diversas camadas da identidade africana e a urgência de forjar novas formas, pouco ortodoxas de ver e ser africano.

Being Her(e) surge de uma co-curadoria (com o Raphael Chikwka) uma exposição e um programa para o mês de África em Pretória e Joanesburgo intitulado *Being and Becoming: Complexities of the African Identity*. “Logo após o término da exposição, ficou claro que poderíamos continuar a explorar este tema que é, de certa forma inesgotável, trazendo outros profissionais para a conversa.

Então, à convite e em colaboração com eles, conceptualizamos o programa para este ano que continua a reflexão sobre identidade(s), trabalhando com artistas femininas do continente, com o título *Being He(re): Mediations on african feminities*. Engajamos duas curadoras sul africanas que trabalharam diretamente na exposição e no simpósio e em colaboração com

a Violet Nantume (jovem curadora e amiga de Kampala),

Being Her(e) reúne cerca de 15 artistas contemporâneas do continente, algumas das mais prominentes artistas e algumas artistas emergentes, que trabalham sobre diversos temas e com diversos formatos, desde fotografia, vídeo, escultura, performance, desenho, instalação)

“A exposição invoca o corpo como um ponto de partida - um espaço, simultane-

amente, íntimo e coletivo. Um lugar de inscrição sociopolítica, onde a história é contestada e, fantasias são estabelecidas, bem como, o tempo e a temporalidade em relação às transições da infância, à maturidade, auto-representação, memória, vivências e geografias pessoais”.

A plataforma sul-africana, Kauru / Black Collector’s Forum apresentou em Luanda pela primeira vez esta exposição, mas ela segue pelo mundo.

Being Her(e), uma mostra que reúne percepções históricas e contemporâneas do que significa hoje, ser um corpo feminino africano. “A exposição invoca o corpo como um ponto de partida - um espaço, simultaneamente, íntimo e coletivo.

Um lugar de inscrição sociopolítica, onde a história é contestada e, fantasias são estabelecidas, bem como, o tempo e a temporalidade em relação às transições da infância, à maturidade, auto-representação, memória, vivências e geografias pessoais”.

Being Her(e) mostra diversas linguagens exploradas por artistas contemporâneos, principalmente vídeo, performance e fotografia e tem mais de 20 obras selecionadas “tanto de forma isolada, como em diálogo umas com as outras, confrontam, contextualizam, questionam e redefinem noções históricas e contemporâneas do que significa ser um corpo feminino em África e na diáspora





africana. Interrogando ideias pré-concebidas sobre a feminilidade, sugerindo ainda uma reflexão mais abrangente sobre o evasivo tema da identidade e as suas diversas formas de representação", precisa a curadora ao buétnico afirmando ainda: Being her(e), não é uma exposição 100% relacionada com migração, mas é sobre identidade, e principalmente sobre identidades fluidas/em trânsito. A partir daí é possível criar um link.

Apesar de ser arquiteta de formação Paula assume-se como uma profissional essencialmente transdisciplinar, assim como foi o processo da sua formação. A curadoria surgiu numa primeira fase como uma possibilidade de explorar e/ou expandir determinadas temáticas sem as restrições da prática da arquitetura tradicional, refere Paula acrescentando que embora transite por diversas áreas, acabam sendo áreas e/ou disciplinas complementares (arquitetura, projectos expositivos, curadoria, design, textos). "vejo os projectos sempre de forma complementar", conclui.

Acredita em projectos e processos colaborativos, por isso quase sempre trabalha em colaboração com outros profissionais. "Mas varia de projecto para projecto". Assim, o seu trabalho obedece no geral a um período de pesquisa, de experimentação e de procura dos parceiros (as) ideais, e só depois as coisas tomam forma. "É necessário ter tempo para ir construindo idéias e para dar forma às idéias", diz a artista.

Neste momento ela está a trabalhar sobre projetos, que envolvem muitos intervenientes e diversas localizações, o que não é um acaso "tem tudo à ver com a BeyondEntropy Africa, a plataforma que fundei com o Stefano Pansera em 2011

e que se debruça sobre as áreas da arquitetura, urbanismo, arte e geopolítica".

Sobre as viagens constantes em serviço diz: "Faz parte, e tenho tido a sorte de receber convites para diferentes locais... eu diria que começa

a ficar um pouco cansativo, mas faz parte. E há compensações, mas Angola é e será sempre a base".

Being Her(e), é uma exposição que vem, em continuidade com outras e que, num espectro mais amplo, pretende abrir espaços de reflexão sobre questões ligadas à identidade enfatiza a curadora angolana. Conforme diz, "As exposições anteriores tiveram uma variedade de artistas, mas muitas vezes acabamos por ter um número maior de artistas masculinos, como aconteceu com o Being & Becoming em 2016. Pareceu-nos pertinente no momento, criar este espaço de reflexão à partir da produção contemporânea de artistas femininas (ou que se identifiquem como tal), explorando temas como género, auto-representação, a desconstrução de estereótipos, etc".



Casa Mocambo, gastronomia e cultura.

📍 Rua do Vale de Santo António 122A - Lisbon ↗ 2731

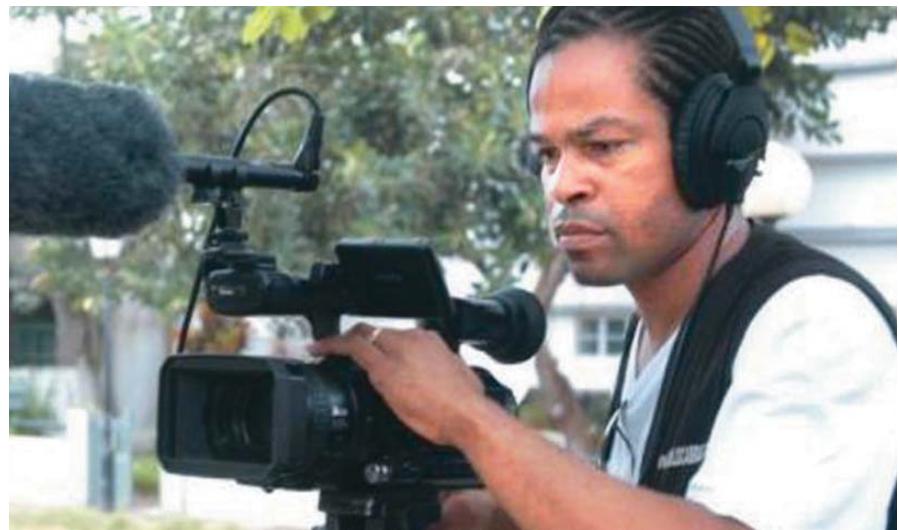
Deportados em “Terra Rejeitada”

O realizador e fotógrafo cabo-verdiano Paulo Cabral realizou o filme: “Terra Rejeitada” cuja acção teve lugar na Ilha de Brava e nos EUA e se estreou no cinema São Jorge de Lisboa, durante a o 7ª edição do Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa (FESTiN).

A sinopse do filme refere que os jovens deportados dos EUA que têm chegado a Cabo Verde criam uma certa tensão social nas ilhas, não só pela forma como são vistos, mas também pela forma como eles próprios vêm a sociedade cabo-verdiana.

O documentário revela que esses jovens não se identificam com a sociedade americana mas também não se integram a voltar a Cabo-Verde depois de conviver com a cultura urbana dos EUA, onde se adaptam a grandes cidades, têm não só de se adaptar, mas também procurar uma actividade de subsistência em Cabo Verde. Paulo Cabral mostra, através do seu filme, que esses jovens trouxeram para Cabo Verde a língua inglesa, o estilo de vestuário, o hip-hop, a tatuagem, o basquetebol, entre outros modos de vida adquiridos nos EUA.

A maioria vive nas ilhas do Fogo e da Brava e são dependentes das remessas que os familiares enviam dos Estados Unidos. Para Paulo Cabral, a ajuda dos familiares residentes nos EUA é uma das causas para que o sentimento de desenraizamento esteja sempre presente. “Estes apoios familiares,



vindos da América, até podem resolver problemas imediatos como ter comida, casa e roupa, mas atrapalham o processo de inserção. Mesmo assim, entre os deportados da ilha Brava há quem encontre estratégias para se adaptar, trabalhando em pequenas atividades de subsistência, a grande maioria são os que não recebem ajuda dos familiares emigrados.

“A sociedade cabo-verdiana, que sempre viu os seus filhos a se partirem para longe, é obrigada hoje a recebê-los, desenraizados e sem “malas” para o futuro”, sintetiza o autor do filme.

Os números apontam para um milhão de cabo-verdianos espalhados pelo mundo inteiro, especialmente nos Estados Unidos, para onde muitos emigram ainda crianças. Entre 2002 e 2015, estima-se que cerca de 1.400 cabo-verdianos tenham sido depor-

tados dos EUA para Cabo-Verde, após terem sido condenados por crimes pequenos ou outros mais graves, sendo que mais de 40%, a crer nos dados do Ministério das Comunidades, foi durante a governação de Barack Obama. O facto de não possuírem a nacionalidade norte-americana dita o regresso a casa, com as ilhas Brava e Fogo a acolherem o maior número.

Contudo, a cultura urbana trazida da América “é bem aceite por algumas pessoas de Cabo Verde, especialmente os jovens, afirma o realizador, “porque representa o sonho americano”.

Em vez de um choque de culturas, temos então uma mistura de culturas. Mas qual o motivo para a administração pública local, as autarquias, não conseguirem incorporar estes deportados no seu quadro de trabalhadores? O realizador responde “Creio que isso deve-se à barreira do português, que limita as oportunidades de trabalho”. Muitos só aprenderam a língua inglesa, ignoram o português ou o crioulo. “A ilha Brava tem muito poucas oportunidades de trabalho, e a falta do português como língua é uma barreira, pois são considerados quase analfabetos”, explica Paulo

Cabral acrescentando que restam poucas coisas que possam fazer além de serem auxiliares, varredores de rua ou coisas do género. “No entanto, parece-me que eles não tem humildade para este tipo de trabalhos” conclui. ●



FESTiN
FESTIVAL DE CINEMA ITINERANTE
DA LÍNGUA PORTUGUESA

Situações desumanas atingem cabo-verdianos condenados

Expulsos, devolvidos, deportados, retornados, thugs, chamem-nos como quiserem, são pessoas e não farrapos, “cada caso dava um filme”, como diz o advogado José Manuel Ramos, e... se moda pega, para “Portugalwood” pode até ser bom.



Os expulsos de Portugal são, na sua maioria, cidadãos que não se integram profissionalmente e isso acontece porque em muitos casos, lhes é negado o direito de ter um Bilhete de Identidade como cidadãos do país. Os estrangeiros legalizados representavam em 2014 apenas cerca de 3,9% da população residente e a comunidade cabo-verdiana (legalizada) 0,4%. Jorge Malheiros, investigador do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, remete para um estudo de 2010 que conclui que, em Portugal, os estrangeiros não cometem mais crimes violentos (homicídio, roubo, ofensas à integridade física e violação) do que os portugueses em geral.

Apenas 35% das expulsões de Portugal são decretadas por juízes.

A maior parte das expulsões têm a ver como o facto de serem cidadãos

indocumentados, de acordo com um estudo da Organização Internacional das Migrações embora, o SEF na pessoa de Carlos Patrício, diretor nacional adjunto, defendia que a maioria dos “devolvidos a Cabo Verde” são indivíduos ligados ao tráfico de droga, que para além da pena de prisão, têm uma pena acessória, a da expulsão.

A lei de estrangeiros de 2007 previa, no artigo 135, que não podiam ser expulsos de Portugal os aqui nascidos, ou quem vivesse desde antes dos dez anos em Portugal, residisse ou tivesse “a seu cargo filhos menores de nacionalidade portuguesa ou estrangeira, sobre os quais exerçam efetivamente responsabilidades parentais e a quem assegurem o sustento e a educação.” Desde 2012 as centenas de cidadãos cabo-verdianos enviados de volta à procedência encontraram o governo cabo-verdiano de “calças na mão”, ainda a tentar ajudar os retornados dos EUA que antes eram muito mais do que os expulsos de Portugal ou de outros países.

Quando em Cabo Verde começou a tomar formas a busca de soluções para apoiar os retornados dos EUA, o Governo de Cabo Verde viu-se a braços com um problema maior, os expulsos de Portugal, que têm sido em maior quantidade nos últimos anos.

Quando Cabo Verde arranjou soluções para apoiar os retornados dos EUA viu-se a braços com os expulsos de Portugal.

Alguns “caem de paraquedas em Cabo Verde”, muitas vezes sem aviso prévio, representam um problema para o país que tem já os seus constrangimentos a nível do desemprego e não possui quaisquer meios para os reintegrar. São também vítimas de estigmas pois quando imigram é suposto que o façam para melhorar de vida e não para voltar como “fracassados”. O povo de

Cabo Verde não os vê com bons olhos, por isso, já lá chegam desmoralizados.

Segundo a OIM a maior parte dos expulsos são cidadãos indocumentados.

A legislação portuguesa distingue entre as expulsões administrativas, que são da competência do diretor do SEF, e as judiciais, decididas pelos juízes, que surgem como penas acessórias ao cumprimento do tempo de prisão. 65% das expulsões de Portugal são processos administrativos do SEF, as restantes são decretadas por juízes. O advogado José Manuel Ramos diz que os juízes conhecem o percurso dos reclusos, ouvem os técnicos de reinserção social, mas, “o SEF apenas vê números e crimes”. Desconhecem-se quantas são as expulsões decretadas pelos tribunais e quantas são administrativas e decididas pelo director do SEF.

Lei portuguesa permite expulsões abusivas

Em 2012, por diligência do Governo de Coligação PSD/CDS, a lei que regula a entrada, saída, permanência e afastamento de estrangeiros de Portugal foi alterada e todos os limites impostos à expulsão passaram a ser ignorados desde que se invoque a questão da segurança pública nacional. De acordo com os números da Direção de Estrangeiros e Fronteiras de Cabo Verde, de 2010 a 2014, chegaram a Cabo Verde 324 pessoas expulsas de Portugal e no mesmo período chegaram apenas 39 dos Estados Unidos. Portugal tornou-se nesse período o país que mais deporta para Cabo Verde. Mas os dados do SEF de Portugal não coincidem, segundo o SEF, de 2010 a 2014 foram expulsos para Cabo Verde 240 pessoas e a tendência de expulsões para 2015 e 2016 era uma baixa nos números na ordem dos 15%.

A lei aprovada em 2012 com votos a favor do PS e os votos contra do PCP e do Bloco de Esquerda foi ajustada para tratar “destes camaradas”, que supostamente atentam contra a segurança pública nacional. Desde que os não expulsáveis passaram a ser expulsáveis, alguns são enviados de qualquer maneira, o que suscitou uma grande reportagem do Jornal Público. Vão com a roupa do corpo, não podem levar os seus pertences e não lhes é dada oportunidade de contactar a família para que os apoie (dinheiro etc.) ou simplesmente se despeçam deles. Também não lhes é dado tempo para ter acesso a um advogado. Houve um senhor que chegou a Cabo Verde ainda com a pulseirinha do hospital no braço, o que indignou a ministra das Comunidades Fernanda Fernandes, “Estamos a lidar com pessoas e pessoas são pessoas,” refere su-



blinhando que algumas dessas pessoas não têm sequer ligações a Cabo Verde, são nascidos em Portugal viveram cá a maior parte da vida, outros são cidadãos que possuem documentos como cabo verdianos mas originários de S. Tomé, Angola, ou Guiné e chegam a Cabo Verde sem ter para onde ir.

A ministra apela à necessidade de se evitar expulsões feitas de maneira desumana e conforme o jornal Público, há opiniões segundo as quais, “uma pessoa que é deportada não pode ser colocada numa situação de maior sofrimento e maior exposição ao risco e ao abandono, como as vezes acontece”. Para a advogada portuguesa Suzana Alexandre, que se encarrega da defesa de vários clientes com pena de expulsão, os casos são muitos por isso opta apenas por aqueles que lhe parecem violações explícitas dos direitos humanos.

Citada na mesma reportagem, ela explica que o artigo 135, da lei 23 sobre estrangeiros, passou a ter uma alínea que se revela “um buraco negro” para onde são atirados todos os criminosos independentemente das ligações que tenham ao país, pois, segundo o SEF, quem está preso não exerce as suas responsabilidades parentais, porque não assegura o sustento nem dá educação. Assim, o facto de ter família deixa de ser determinante para evitar a expulsão, contudo, devia depender do que está em causa, e há pessoas condenadas por furtos e outras penas, que, facilmente se poderiam re-integrar em Portugal desde que tivessem uma fonte de sustento, refere-se no Público, que cita igualmente responsáveis do Ministério das Comunidades de Cabo Verde. Segundo dizem havia em tempos gabinetes de apoio denominados “Bem-vindo a casa.”

Eram Gabinetes de Atendimento e Integração dos Deportados. O primeiro abriu em 2002, chegaram a ser quatro e foram pensados sobretudo para acolher deportados dos Estados Unidos, durante anos o principal país de deportação para Cabo Verde, Portugal era o segundo.

Nádia Marçal, responsável pelo dossier do “Retorno Involuntário” no Ministério das Comunidades, afirma que o Governo de Cabo Verde deixou de conseguir apoiar os deportados. Os gabinetes acabaram em 2012. Por falta de meios. Não há ninguém à espera. “Talvez essa informação não tenha chegado a Portugal. A algumas pessoas foi dito que teriam um assistente social à chegada. Quando vêm que não há ninguém, ficam revoltados”, diz Nádia Marçal. Agora, o Ministério das Comunidades só intervém mesmo quando “há pessoas à deriva no aeroporto”. ●

Negros num canto cinzento

Portugal é um país agradável. Sempre quis ser um Império.
Tornou-se num Império por isso comporta-se como um país imperial.

É natural por isso que os seus filhos queiram muito beber da sua água e desfrutar da sua sombra porque o Império cresceu e tornou-se agregador, simpático e protector.

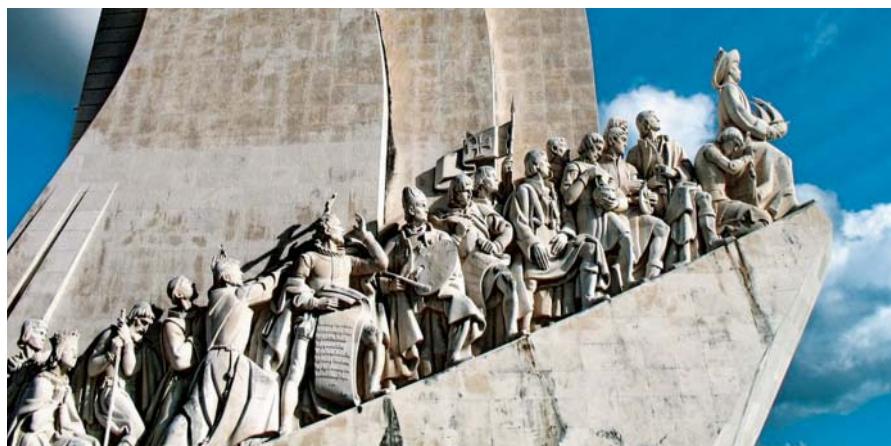
É um princípio possível para um romance histórico, porém é o momento para pôr alguma cor nessa história. E a cor muda toda a paisagem. Bom se não muda pelo menos altera o tempo das estações. Se no princípio era parte da paisagem, vai se diluindo no tempo gradualmente. E isso significa que o humano imperial vai perdendo a sua humanidade. Com efeito entre os séculos XVI e XX o Negro saiu do coração do Império para tornar-se numa esvoaçante pena cinzenta ao vento. Mas ainda assim não é uma pena qualquer, mas uma pena-sujeito absorvida pela moderna sociedade com a estreita denominação de eles. Nos primeiros 20 anos do Sec.XV são 6 mil entre pouco mais de 50 mil no Algarve, 10.470 entre 143 mil em Lisboa numa média crescente em outras localidades ao ponto do Marquês de Pombal em 1761 proibir mais entradas na metrópole. O facto é que estão por todo o lado em todos os ofícios e executando um sem números de tarefas e toda a Europa comenta. Santos nas igrejas,



mente essa depreciação em Portugal ocorre quando o resto da Europa assume o Negro africano como parte de uma civilização pioneira no centro de uma revolução cultural como referiu o filósofo H. Bergson no seu *Ensaio sobre os Dados da Consciência Imediata* em 1889 e Paul Claudel publicou *Téte D'or*. A Escola de Paris onde desportam Picasso, Vieira da Silva, Masson e um francês de Dakar, Jean-Claude Blachere vai chamar a atenção das pessoas com a sua tese sobre poesia surrealista "O Exemplo dos Negros". Eles voltaram a ser Nós novamente antes de voltarem a ser Eles, não só na Europa mas também na América e na Ásia como facilmente se deteta na música e outras formas de linguagem.

Depois disso veio a violência epileptica. A descarga e a escravatura moderna. O colonialismo e o cinismo. O branqueamento da história. A fila de mulatos sem pai. O país sem passado. Os negros num canto cinzento. Aqueles a quem o Nós designou chamar Minorias e não ousa Ver nem Escutar e se recusa a reconhecer. O Nós cheio de moral, razão e pensamento. Eles insuflados de intuição e sensibilidade.

Como em 1889, Portugal não percebe a dimensão das suas faces. Não contempla a razão de futuro que é a sua paleta de cores. Não antevê dai uma riqueza fundamental que é o Conhecimento. Aquilo que Achille Mbembe diz estar no "centro da construção de uma consciência comum do mundo. A restituição e a reparação". O que exige uma ética e que A. Mbembe considera que isso "implica o reconhecimento da parte do outro, que não é a minha e da qual eu sou o garante, quer se queira ou não".



Ficha técnica:

Proprietário: Sílvia Milonga

Director: Luzia Moniz

Conselho Editorial: Eugénio Alves, Aires Walter dos Santos, Carlos Santos Octávio, Rui Fernandes, Sílvia Milonga e Luzia Moniz

Sede Editorial: Rua Cidade de São Paulo, 26, 3º D - 5735-656 Cacém

Redação: Sílvia Milonga, Luzia Moniz, Carlos Gonçalves e Ana Mafalda

Sede Redactorial: R. S. Francisco Xavier, 15, R/C Esq. - 2745-766 Massamá

Design Gráfico: António Salsinha - www.antoniosalsinha.com

Impressão e acabamento: As de Cópias - Heliografia e Fotocópias, Lda. Rua Gomes Freire, 138 C, 1150-180 Lisboa - Email: geral@asdecopias.pt

Tiragem: 1.000 exemplares

Nº de registo na ERC: 127058

Email: jornalbuetnico@gmail.com

Estatuto Editorial:

1. BUÉTNICO é uma publicação periódica da actualidade, informativo não doutrinário, apartidário destinado a todos, mas centrado na vida dos imigrantes em Portugal, com informação sobre as comunidades que não se encontram noutras publicações.

2. De periodicidade trimestral, este jornal dará destaque particular à Cultura das comunidades que escolheram Portugal para viver e Jornal surge como porta-voz dos interesses das comunidades das suas acções pela igualdade de direitos e de oportunidades.

3. De 16 páginas, a cores, além do editorial e dos destaque, o BUÉTNICO tem uma série de rubricas

que incluem a Reportagem - Cultura, sociedade, desporto, tecnologia, questões de género, opinião etc.

4. Aposta principal deste jornal é na reportagem, mas terá também notícias escritas com o rigor e a objectividade que o jornalismo exige, bem como opinião plural devidamente assinada.

5. As escolhas dos temas e o seu escalonamento serão da responsabilidade da redação do jornal, a censura e a auto censura não têm lugar.

6. BUÉTNICO rege-se pela ética republicana, contra o sensacionalismo, pelas liberdades e respeito da diversidade.